

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais
Superintendência de Museus

coleção *Falando de...*

4

Ação Educativa em Museus

Belo Horizonte

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Antônio Augusto Junho Anastasia

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA

Eliane Parreiras

SUPERINTENDENTE DE MUSEUS E ARTES VISUAIS DE MINAS GERAIS

Ana Maria Azeredo Furquim Werneck

DIRETORA DE DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES MUSEAIS

Silvana Caçado Trindade

DIRETORA DE GESTÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS

Maria Inez Cândido

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS MUSEOLÓGICAS

Thiago Carlos Costa

EDIÇÃO

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais | Superintendência de Museus e Artes Visuais

Organizadores da Coleção

Ana Maria Azeredo Furquim Werneck

Thiago Carlos Costa

Projeto Gráfico, diagramação e editoração

Fernanda Camas Marques

Ação Educativa em Museus: Caderno 04. Barbosa, Neilia Marcelina; Oliveira, Anna Luiza Barcellos de; Ticle, Maria Letícia Silva. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus de Minas Gerais, 2010.

24 p.

Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-99528-31-0

1. Museus. 2. Museologia 3. Museus-Educação

I. Barbosa, Neilia Marcelina; II. Oliveira, Anna Luiza Barcellos de;

III. Ticle, Maria Letícia Silva.

CDD 069

SEC

Apresentação 6

Por que fazer Ação Educativa 7

O que são Ações Educativas 8

Quais as Particularidades dessas Ações realizadas
nos Museus? 9

Construção de Ações Educativas 11

A Prática 16

Avaliação 17

Referências Bibliográficas 18

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A Superintendência de Museus tem por finalidade trabalhar pela implementação e consolidação da política de Museus para o Estado de Minas Gerais de acordo com os princípios de preservação, promoção e acesso ao patrimônio museológico. Atendendo assim uma de suas principais ações, que consiste em promover a aplicação e disseminação de conceitos e práticas que visem ao incentivo, à valorização e ao aprimoramento das atividades museológicas.

Nesse âmbito o lançamento do Conjunto de publicações técnicas, *Falando de...*, tem por objetivo estimular a troca de experiências adquiridas pelo corpo técnico da SUM com o público e interessados no universo museal. Utilizando de uma linguagem prática caracterizando-se como um pequeno manual de ação para as instituições museológicas, profissionais e estudantes da área em geral. Este conjunto é composto por quatro livretos respectivamente; **1.Gestão de Segurança e Conservação em Museus; 2.Planejamento Museológico; 3.Planejamento e Gestão de Exposições em Museus; 4.Ação Educativa em Museus.**

O objetivo e expectativa em torno dessas publicações, que serão disponibilizadas na web para download gratuito, é o de promover a democratização e interiorização da informação para o campo museal em Minas Gerais. Auxiliando assim para o fortalecimento das ações promovidas pela Superintendência de Museus ao longo de sua existência.

Ana Maria Azeredo Furquim Werneck
Superintendente de Museus

POR QUE FAZER AÇÃO EDUCATIVA?

A trajetória de formação dos espaços museais pode ser resumida através da transformação de coleções particulares em coleções públicas. Historicamente, o foco de atuação dos museus passou por intensas transformações, nas quais os olhares e as práticas dos profissionais dessas instituições foram se transferindo, paulatinamente, do cuidado exclusivo com as coleções para a atenção com o público¹.

Segundo Denise Grinspum (2001, p. 2), desde que o museu tornou-se público no século XVIII é a sua função social que tem sido motivo para justificar a sua existência. Atualmente, sob a égide da Nova Museologia, o compromisso sócio-político dos museus é, antes de tudo, educacional e sua nova definição aponta para “instituições de serviço público e educação, um termo que inclui exploração, estudo, observação, pensamento crítico, contemplação e diálogo”.

A partir dessa perspectiva, em que o paradigma de atuação dos museus e seus “conceitos-chave giram em torno da importância assumida pelo público e das ações de comunicação/educação dentro das instituições”², os museus buscam estruturar de forma mais satisfatória suas AÇÕES EDUCATIVAS.

¹Rivière, 1989 apud Martins, 2006, p.17.

²Martins, 2006, p.19.

O QUE SÃO AÇÕES EDUCATIVAS?

De acordo com o Glossário da Revista Museu³, AÇÕES EDUCATIVAS são:

“Procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para a transmissão de conhecimento dogmático, resultando em doutrinação e domesticação, ou para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus”.

O documento de Diretrizes para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos museus da Superintendência de Museus de Minas Gerais⁴ define AÇÕES EDUCATIVAS:

“como elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural.”

³ <http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp>. Acesso: 20/11/2010.

⁴ Documento elaborado em 2009 pela Diretoria de Desenvolvimento de Linguagens Museológicas da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, sob a consultoria de Vanessa Barboza Araújo.

Denise Grinspum⁵ propõe o conceito de “Educação para o Patrimônio” que contempla as AÇÕES EDUCATIVAS de museus de qualquer tipologia:

“Formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade”.

Apesar da diversidade apresentada, as definições apontam para o museu como espaço de educação e comunicação, sendo as AÇÕES EDUCATIVAS mediadoras entre o bem cultural e os visitantes, que visam a valorização do patrimônio e apreensão da cultura.

QUAIS AS PARTICULARIDADES DESSAS AÇÕES REALIZADAS NOS MUSEUS?

De acordo com Hermeto e Oliveira⁶, as reflexões atuais acerca do processo de ensino-aprendizagem deslocaram a escola do local prioritário onde se educa e é educado. Juntamente com outros espaços, os museus ganharam lugar de destaque em virtude de seu potencial educativo e de suas especificidades.

Como outros lugares do educativo, os museus possuem objetivos “como educar, facilitar o acesso à cultura, socializar, favorecer a prática da cidadania, formar indivíduos críticos, criativos e autônomos”⁷.

⁵GRINSPUM, D. Educação para o Patrimônio: Museu de arte e escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁶ HERMETO, M.; OLIVEIRA, G.D. Ação educativa: produção de conhecimento e formação para a cidadania. In: AZEVEDO, F.L.M.; PIRES, J.R.F.; CATÃO, L.P. Museu – cidadania, memória e patrimônio. As dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

⁷Cabral, 2005 apud Bertelli, 2010, p. 17.

Por outro lado, objetivos como “coletar, conservar, estudar e expor os testemunhos materiais do homem e de seu meio-ambiente”⁸ delineiam a IDENTIDADE dos museus.

Além disso, constituem-se especificidades das AÇÕES EDUCATIVAS dos museus: público variado, de frequência não obrigatória, com o tempo resultante da negociação entre o tempo do visitante e o espaço do museu e desenvolvimento de atividades baseadas prioritariamente no objeto⁹.

Portanto, para planejar uma AÇÃO EDUCATIVA, reflita sobre:

- **O tempo:** geralmente as visitas são efêmeras, de curta duração e espaçadas¹⁰. O tempo reservado para uma visita varia muito de acordo com cada tipo de público. As visitas escolares, por exemplo, tem duração aproximada de duas horas. Já que elas devem se adequar ao turno escolar e levar em conta a duração do deslocamento.

- **O espaço:** Marandino¹¹ afirma que o espaço físico determina a forma com que a visita é realizada. “Como trata-se, em geral, de um trajeto aberto, o visitante deve ser cativado pela exposição durante seu percurso”.

- **O objeto:** o que há de mais específico nos museus é o trato com a cultura material, portanto as práticas educacionais necessitam criar possibilidades para que os visitantes desenvolvam habilidades para analisar os objetos em seus aspectos materiais, históricos e simbólicos¹².

⁸Martins, 2006, p.42.

⁹Allard e Boucher, 1991 apud Martins, 2006, p.42.

¹⁰Martins, 2006, p.26.

¹¹MARANDINO, M. et al. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Pró-Reitoria Cultura e Extensão USP e GEENF/FEUSP, 2008. v. 1.

¹²Para saber sobre aprendizagem através dos objetos, ler RAMOS, Francisco Régis Lopes. A Danação do Objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

CONSTRUÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS

A concepção das AÇÕES EDUCATIVAS deve se fundamentar nas seguintes dimensões:

- A missão do museu:

Definida a missão, ou seja, a vocação do museu, as práticas educativas devem ser elementos cumpridores desse propósito. Por exemplo, um dos motivos para o qual o Museu Casa Guimarães Rosa existe, é divulgar a literatura roseana, então suas ações são orientadas por essa vocação, estão baseadas na literatura e nos temas que compõem às suas obras.

- Junto à curadoria das exposições:

Durante um longo período o trabalho dos educadores só iniciava quando a exposição já estava montada, depois de concluídos os trabalhos dos pesquisadores, expógrafos e dos marceneiros. Então, eram obrigados a pensar uma AÇÃO EDUCATIVA a partir de sua própria leitura da exposição e dos catálogos. Atualmente, existe um movimento para que o educador participe do processo de construção das exposições: conheça e participe do trabalho da pesquisa, visto que a exposição, geralmente, não a reflete por inteiro; contribua com o trabalho dos expógrafos e/ou arquitetos com o objetivo de planejar a disposição dos textos e objetos, a altura das legendas e vitrines e possíveis roteiros.

- Adequação aos vários tipos de público:

Apesar de parecer óbvio, é fundamental que as AÇÕES EDUCATIVAS sejam planejadas para um público alvo. Tendo em vista que os museus são visitados por famílias, estudantes em vários níveis – da educação infantil, básica e superior -, grupos de convivência, grupos com necessidades especiais entre outros, o museu deve planejar ações a partir das especificidades de cada público visitante. Vejamos algumas classificações¹³:

¹³Estas categorias de público foram inspiradas no Documento de Diretrizes para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos museus da Superintendência de Museus. Diretoria de Desenvolvimento de Linguagens Museológicas. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Consultoria de Vanessa Barboza Araújo. 2009.

A. Público Espontâneo

Formam o público espontâneo de um museu, aqueles que visitam as exposições sem agendamento. Para esse tipo de público é difícil planejar ações, porque o seu perfil é diversificado e as motivações que os levam as exposições são pouco conhecidas¹⁴. Porém o museu deve dispor de instrumentos que facilitam o atendimento e diálogo com essas pessoas, tais como:

- textos de parede;
- catálogos, folderes;
- áudio-tours;
- sites, blogs;
- visitas orientadas em horas marcadas;
- visitas dramatizadas;
- programas para famílias.

B. Público Agendado

O Público Agendado, como o próprio nome diz, é composto pelas visitas agendadas com antecedência aos museus. Podem ser grupos de turistas, escolas, grupos de convivência, entre outros. Diferente do espontâneo, por existir um contato prévio entre visitante e instituição, é possível conhecer os objetivos da visita, bem como as especificações do grupo. Portanto, as ações devem ser estruturadas em diálogo com as expectativas e motivações para a visita.

Exemplos de ações para públicos agendados:

- Oficinas;
- visitas orientadas;

¹⁴Um instrumento que visa dimensionar o perfil do público visitante de cada museu são as Pesquisas de Público. Indicativos como: idade, escolaridade, procedência, profissão e sexo podem dar a conhecer as características gerais dos visitantes. Para tanto, podem ser aplicados questionários ou o livro de assinaturas deve conter espaços para a coleta desses dados. Pesquisas ainda mais aprofundadas podem ser desenvolvidas para dimensionar aceitação da exposição, aprendizagens. Para saber mais leia MORTARA, A. Os públicos de museus universitários. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, v. 12, 2002.

- ateliês;
- jogos;
- conferências.

B.1 Público escolar

Estima-se que no Brasil as visitas escolares representam de 50% a 90% das visitas aos museus¹⁵, esses números indicam o quanto esse público é expressivo. Em função disso e para atingir o objetivo das atividades dos museus, isto é, adquirir, preservar, documentar, pesquisar e comunicar para fins de educação e lazer, interessa que museu e escola estabeleçam uma parceria educativa, partilha do poder e da responsabilidade de formar e educar.

De que forma profissionais com culturas institucionais e profissionais distintas, como os educadores dos museus e professores, podem construir uma parceria educativa?

Para começar, é necessário que além dos objetivos comuns, as identidades das instituições sejam conhecidas e preservadas pelos atores envolvidos nessa parceria. Vejamos as principais diferenças entre o MUSEU e a ESCOLA de acordo com Allard e Boucher (apud Marandino, 2001, p. 87):

ESCOLA	. Objetivo: Instruir e educar.
	. Cliente cativo e estável.
	. Cliente estruturado em função da idade ou da formação.
	. Possui programa que lhe é imposto, pode fazer diferentes interpretações, mas é fiel a ele.
	. Concebida para atividades em grupos (classe)
	. Tempo: 1 ano
	. Atividade fundamentada na palavra e na leitura

¹⁵KÖPTCHE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. Caderno do Museu da Vida, Rio de Janeiro, MAST/Museu da Vida, 2001-2002.

MUSEU

- . Objetivo: Recolher, conservar, estudar e expor.
- . Cliente livre e passageiro.
- . Todos os grupos de idade sem distinção de formação.
- . Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção.
- . Concebidos para atividades individuais ou de pequenos grupos.
- . Tempo: 1 h ou 2 h
- . Atividade fundamentada no objeto.

Nesse contexto, o professor precisa ser visto como parceiro, agente multiplicador, e não como mero receptor de produtos culturais. Por isso, canais de comunicação e de troca de programas educativos necessitam ser abertos. Um exemplo importante é a criação de encontros onde o museu pode apresentar as particularidades de suas AÇÕES EDUCATIVAS, a temática das exposições em cartaz e a rotina de seu funcionamento e os professores falem de suas expectativas para a visita, objetivos, temas que pretendem abordar, perfil de seus alunos, etc. Assim, em diálogo, uma real parceria entre o museu e a escola pode ser construída.

Exemplos de ações para o público escolar:

- exposições itinerantes;
- maletas pedagógicas;
- visitas dialógicas;
- encontros com professores.

C. Comunidade local

Camilo Vasconcelos¹⁶ afirma que os turistas estão ávidos por conhecer as distintas manifestações culturais e artísticas de povos com os quais não mantêm contato. Os museus são lugares privilegiados que dão a conhecer a cultura de determinados grupos, localidades e até de nacionalidades, por esse, entre outros motivos, fazem parte de roteiros turísticos.

No entanto, antes de ser um divulgador para os turistas, os museus devem atuar de forma contextualizada com os problemas locais e com as pessoas que formam a comunidade, de outra forma terá como consequência o seu isolamento. Em sua localidade, os museus têm a capacidade de promover a identidade local através de ações que colocam em evidência aspectos relevantes de sua cultura e história, além de promover o diálogo, reconhecimento e solidariedade entre diferentes grupos sociais.

Alguns exemplos de AÇÕES EDUCATIVAS para a comunidade:

- exibição de filmes;
- intervenções artísticas na cidade;
- cursos e oficinas;
- promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

D. Funcionários

As pessoas que trabalham no museu precisam ser tratadas como um dos seus públicos. Vigilantes, faxineiros, porteiros, recepcionistas, vendedores da loja do museu etc. devem entender o conceito do espaço no qual trabalham, além de serem os primeiros a visitar as exposições, conhecer suas temáticas, participar de oficinas, de visitas orientadas. Assim, poderão ser aliados no acolhimento do público e potenciais multiplicadores.

Exemplos de ações para os funcionários:

- colônia de férias para os filhos de funcionários;
- oficinas de capacitação para lidar com o público.

É ideal que toda equipe que atuará nas práticas educativas, participe de sua concepção. Esse será um importante momento de reflexão/formação e ainda capacitará os educadores do museu para AVALIAR a diferença entre o planejamento e o que pode ser efetivamente aplicado.

¹⁶VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Turismo e museus. São Paulo: Aleph, 2006.

A PRÁTICA

Como já citado, AÇÕES EDUCATIVAS são “formas de mediação” e, assim, “deve propor-se desafiadora, instigante e problematizadora, afastando-se o princípio da transmissão de conhecimentos. Deve alinhar-se à Pedagogia Crítica e buscar diálogo como fonte de aprendizagem, enfatizando o papel ativo de indivíduo na construção de novos conhecimentos.”¹⁷

Assim, o educador do museu precisa ter a mediação como meta em sua prática diária. Mirian Martins (2005) conceitua mediação como um encontro sensível e atento ao outro, como “ir ao encontro do repertório cultural e aos interesses do outro”. A obtenção dessa sensibilidade depende de uma formação continuada.

Os profissionais que atuam no educativo dos museus, geralmente, não possuem formação especializada para essa função e são procedentes de diferentes áreas do conhecimento. Dessa forma, a prática é um importante momento de formação e aprendizagem, podendo se transformar em situação geradora de reflexão e *insight*¹⁸. Para além disso, o museu precisa instituir grupos de estudos, fóruns e momentos de leitura e reflexão para formação dos educadores no que tange aos conteúdos e as práticas pedagógicas.

AValiação

A avaliação é a última fase de uma AÇÃO EDUCATIVA, ela é a base para decidir sobre a continuidade ou o aperfeiçoamento da mesma.

Inicialmente é preciso definir o que será avaliado: objetivos, conteúdos, aprendizagens, atitudes do público, material didático, tempo da ação, desempenho dos educadores, dentre outros. Em seguida, deve-se decidir de que forma essa avaliação será aplicada, algumas possibilidades é a aplicação de questionários individuais e a promoção discussões coletivas. O livro de assinaturas do museu também é uma importante ferramenta para coleta de dados.

Esse momento é importante para que o visitante possa se expressar, manifestando sua satisfação ou apresentando sugestões.¹⁹

¹⁷Diretrizes para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos museus da Superintendência de Museus. Diretoria de Desenvolvimento de Linguagens Museológicas / SUM. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Consultoria de Vanessa Barboza Araújo. 2009.

¹⁸PEREIRA, J.S. SIMAN, L.M.C. Límiares da relação museu-escola: educadores em zonas de fronteira. In: NASCIMENTO, S.S.; BOSSLER, A.P. (Orgs.). Museu e Escola: isso me lembra uma história.. Belo Horizonte: LEME/FAE/UFMG, 2010, v. 1

¹⁹ Ver modelos de avaliação nos anexos

BARBOSA, N. M. ; MOURTHÉ, N. G. . Trilhas e Trilhos: a experiência educativa do Museu de Artes e Ofícios. In: NASCIMENTO, S.S.; BOSSLER, A.P. (Orgs.). Museu e Escola: isso me lembra uma história.. Belo Horizonte: LEME/FAE/UFMG, 2010, v. 1

CABRAL, M.; RANGEL, A. Processos Educativos: de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, Letícia, BITTENCOURT, José Neves.(Orgs) Caderno de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para formulação de política. In: Simpósio Internacional Museu e Educação, Conceitos e Métodos, 2001, São Paulo. [s1.: s.n], [2001?].

KÖPTCHE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. Caderno do Museu da Vida, Rio de Janeiro, MAST/Museu da Vida, 2001-2002.

KÖPTCHE, Luciana Sepúlveda. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G., MARANDINO, M. e LEAL. M.C. (Orgs). Educação e museu. A construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access Editora/FAPERJ, 2003. p. 107-128.

MARANDINO, M. Interfaces da Relação Museu/Escola. In: Cad.Cat.Ens.Fís., v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001.

MARANDINO, M. et al. Educação em museus: a mediação em foco. 1. ed. São Paulo: Pró-Reitoria Cultura e Extensão USP e GEENF/FEUSP, 2008. v. 1.

MARTINS, Luciana Conrado. A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. Dissertação de mestrado. USP. 2006.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

PEREIRA, J.S. SIMAN, L.M.C. Limiares da relação museu-escola: educadores em zonas de fronteira. In: NASCIMENTO, S.S.; BOSSLER, A.P. (Orgs.). Museu e Escola: isso me lembra uma história.. Belo Horizonte: LEME/FAE/UFMG, 2010, v. 1

SEMINÁRIO DE AÇÃO EDUCATIVA. Cultura e Educação: parceria que faz a história/ coordenação geral: Ângela Gutierrez; coordenação editorial: Helena Maria Mourão Loureiro e Betânia Gonçalves Figueiredo – Belo Horizonte. Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/ MAO, 2007

PRIMO, Judite. A importância dos museus locais em Portugal. In: Cadernos de Sociomuseologia, vol. 25, n.25, 2006.

ANEXOS

AÇÕES EDUCATIVAS SUM



Oficina: "Obreiros a Obra"
Museu Mineiro: Belo Horizonte, MG
Foto: Roberto de Paula, 2010



Oficina: "Territórios II – Reserva Técnica"
Museu Mineiro: Belo Horizonte, MG
Foto: Marconi Marques – 2007



Oficina: "Observação da Paisagem"
Museu Casa Guignard: Ouro Preto, MG
Foto: Gélcio Fortes, 2007



Oficina: "Maquetes da Memória"
Museu Casa Guimarães Rosa: Cordisburgo, MG
Foto: Ronaldo Alves - 2010

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Para otimizar o trabalho desenvolvido pela equipe de Ação Educativa do Museu, gostaríamos de sua colaboração. Solicitamos que você faça uma avaliação da atividade educativa oferecida. A sua opinião nos será muito útil!

Nome: _____ Nº alunos: _____ Faixa Etária: _____ Série: _____

E-mail: _____ Tel: _____ Instituição: _____ Data: _____

Endereço: _____

1) É a primeira vez que você traz seus alunos ao Museu do Crédito Real?
() sim () não

1.1) Se não, com que frequência você o faz? _____

2) Que disciplina você leciona para esta turma? _____

3) Você visitou o Museu antes de trazer seus alunos?
() Sim () Não.

4) Como foi a preparação de seus alunos para a visita ao Museu? _____

5) Qual o seu objetivo ao trazer seus alunos para fazer uma visita a esta instituição? _____

6) Dos temas apresentados na visita, quais deles podem ser trabalhados nas suas aulas? _____

7) O tempo utilizado para a visita foi suficiente? () sim () não.
Se não, por quê? _____

8) A linguagem utilizada para abordar os temas foi compatível com o nível de compreensão dos seus alunos? () sim () não. Justifique _____

9) Você conhece e já participou de alguma atividade educativa ou evento do Museu? Quais? _____

UTILIZE O VERSO PARA DEIXAR SUGESTÕES, DÚVIDAS E CRÍTICAS.

Superintendência de Museus
Museu do Crédito Real
Avaliação dos Educadores do Museu

Escola: _____

No. de alunos: _____ Data: ____/____/____

Faixa Etária: () crianças () jovens () adultos

Professor/Coordenador: _____

Tema Solicitado: _____

Horário Previsto: _____ a _____

Educador responsável: _____

1) Envolvimento do professor responsável:

() bom () muito bom () regular () a desejar

Obs.: _____

2) Interesse dos alunos pela visita:

() bom () muito bom () regular () a desejar

Obs.: _____

3) Os alunos foram preparados para a visita?

() sim () não

Por que? _____

4) O tempo utilizado para a visita foi suficiente?

() sim () não

Observações:

Superintendência de Museus
Museu do Crédito Real
Pesquisa com visitantes

Nome: _____

E-mail: _____

Tel.: _____

1. Com que frequência você visita museus?

() Sempre () Às vezes () Raramente

2. Como tomou conhecimento do Museu do Crédito Real?

() TV () Jornal () Panfleto/Flayer () Internet () Amigos

3. Qual a finalidade da visita:

() Programação cultural () Acompanhar outra pessoa

() Apenas conhecer () Outros

4. Você indicaria para familiares e amigos visitarem o Museu do Crédito Real?

() Sim () Não. Justifique

5. Avalie a recepção, atendimento e cortesia para o atendimento do visitante:

() Excelente () Bom () Regular () Ruim

DEIXE NO VERSO SUGESTÕES DE PESQUISA, DÚVIDAS E TEMAS PARA OUTRAS EXPOSIÇÕES.

